

Silêncio: Martin Scorsese e a questão da fé

16/03/2017

Maria Clara Lucchetti Bingemer
professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio

Filme para ser contemplado e não tanto visto como divertimento, *Silêncio*, de Martin Scorsese, tem longa duração. São três horas de um belo trabalho do experiente cineasta que, católico, quis fazer uma *avant première* do filme em Roma, na cúria jesuíta. Ao final, nos créditos, como assinatura, aparece a dedicatória da obra aos católicos japoneses e seus pastores. E as letras A.M.D.G. (Ad maiorem Dei gloriam), lema dos jesuítas, apõem o selo final.

Trata-se, no dizer do próprio Scorsese, de um filme sobre a fé. É com a fé – experiência facultada apenas ao ser humano – que o diretor dialoga, debate e se debate. A experiência de crer dentro de uma matriz – a cristã católica – e uma instituição – a Igreja Católica Romana – em um país onde impera outra religião é acompanhada pela câmera de Scorsese com atenção apaixonada e precisão quase obsessiva.

Neste longo itinerário emergem todos os temas – antigos e tão absolutamente atuais – que inquietam crentes e não crentes ainda hoje. Pois, fazendo ou não a experiência da fé, é inegável que a questão da religião, da espiritualidade, da experiência de Deus jamais deixou de ser fundamental para o ser humano. Seja para aderir ou combater. Afirmando, confessando ou negando, o ser humano deseja e busca o Sentido da vida e embutido neste desejo e nesta busca está o Rosto desejado d’Aquele que a tudo pode envolver com seu poder e seu amor e que todas as religiões afirmam que pode ser encontrado no mundo.

Porém, o que acontece quando esse Deus se cala em vez de fazer ressoar uma Palavra de vida e salvação? O que se sente quando esse Deus esconde seu rosto, deixando os que o buscam entregues ao vazio e à desesperança? Como viver, como sobreviver quando o Senhor do Universo deixa sem respostas as mais profundas e urgentes perguntas humanas?

O filme trata disso e de muito mais. Trata da questão da fé que busca a Verdade. E que em certa medida crê já havê-la encontrado. E que se depara com o fato um tanto desnorteador de que a Verdade pode ser plural ou pelo menos apresentar-se com rostos diversos. E que os que a buscam por outros caminhos e com outra linguagem podem não estar perdidos, ou condenados, ou simplesmente equivocados.

Toda a questão tão atual do diálogo entre as religiões é muito viva no filme de Scorsese que, no entanto, se passa na fronteira entre os séculos XVI e XVII. As questões ali levantadas são situadas em um tempo e um espaço, mas são de sempre e de todos os tempos e espaços. Como de sempre é o ardor missionário que se dirige a latitudes longínquas para ali anunciar o Evangelho e se depara com resistências. Algumas destas tomam a forma da violência e da crueldade. Outras se apresentam como reflexões pensadas, discernidas e feitas vida e compromisso.

O filme é pontuado pelo itinerário espiritual que é constitutivo da identidade dos jesuítas. Tanto dos dois portugueses personagens do romance de Shusaku Endo que Scorsese transporta à tela como de todos os membros da Companhia de Jesus desde sua fundação pelo basco Inácio de Loyola. Os Exercícios Espirituais, experiência que configura aqueles que se sentem chamados a ingressar na ordem missionária mais

famosa da história do Catolicismo, se fazem sensíveis e eloquentes ao longo da trama.

Scorsese, ao que parece, fez a experiência que Inácio propõe aos que seguem seu carisma. Nota-se inclusive que conhece bem seu percurso, suas exigências e marcos principais. Aos jesuítas que partiam em missão em país estranho e muitas vezes hostil, a espiritualidade que emana dos Exercícios ajudava a não perder o rumo, o objetivo, a razão mesma da existência, da vocação e de estar longe de todas as referências em nome da fé e da missão.

Tudo parece muito claro aos dois jovens jesuítas que, no entanto, são surpreendidos em seu idealismo e sua jovem vocação por algo que se revela uma imensa incógnita: o sofrimento humano e o aparente silêncio de Deus diante dele. Com essa torturante pergunta se vão debater e encontrar rumos e fins diferentes. A mesma pergunta, com igual grau de gravidade e peso, foi levantada e pronunciada séculos depois, por ocasião do holocausto nazista.

Onde está Deus? Por que se cala? Como é possível falar dEle e pronunciar Seu nome diante de tanto sofrimento absurdo e aparentemente sem nenhum sentido? O gênio do cineasta ítalo-americano – seguindo a inspiração do escritor japonês - vai perseguir a questão e suportar seu peso sem procurar soluções fáceis. O caminho não necessariamente desemboca em uma resposta que satisfaz a razão. Mas andar por esse caminho se torna possível e carregado de sentido se a fé move as mentes e os corações sem deixar de lado a razão.

Quando a razão esbarra em seus limites, a fé prossegue o caminho e a busca. E o espectador é delicada e gentilmente convidado a entrar neste percurso. Sem dúvida, um grande filme. E uma boa oportunidade para mergulhar mais fundo na Quaresma que hoje vivemos.